

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Luiza de Queiroz Pereira

**JOGOS E BRINCADEIRAS GENERIFICADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PRODUÇÃO ACADÊMICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, a autora e a orientadora firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: Maria Luiza de Queiroz Pereira

Título do trabalho: Jogos e brincadeiras generificados na educação infantil: produção acadêmica na Educação Física

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 29/10/2021, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no §3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA LUIZA DE QUEIROZ PEREIRA, Discente**, em 04/11/2021, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no §3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2454374** e o código CRC**472154BD**.

Maria Luiza de Queiroz Pereira

**JOGOS E BRINCADEIRAS GENERIFICADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PRODUÇÃO ACADÊMICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline da Silva Nicolino

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Queiroz Pereira, Maria Luiza
Jogos e Brincadeiras Generificados na Educação Infantil
[manuscrito]: Produção Acadêmica na Educação Física / Maria Luiza de
Queiroz Pereira. - 2021.
xxxix, 39 f.

Orientador: Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Goiânia, 2021.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de tabelas.

1. Educação Física. 2. Gênero. 3. Jogos e Brincadeiras. 4. Educação
Infantil. I. da Silva Nicolino, Aline, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **vinte e oito dias do mês de outubro do ano de 2021** iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Jogos e brincadeiras generificados na educação infantil: produção acadêmica na educação física**”, de autoria de **Maria Luiza de Queiroz Pereira**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança** da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Luana Zanofo - FEFD/UFG** e **Profa. Dra. Valléria Araújo de Oliveira - CEPAE/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 04/11/2021, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luana Zanofo, Professor do Magistério Superior**, em 04/11/2021, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valleria Araujo De Oliveira, Chefe**, em 05/11/2021, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2454372** e o código **CRCC1E79B81**.

Este trabalho é dedicado à minha família, em especial aos meus pais e às minhas irmãs, e a todos que contribuíram para a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Carlos Alberto e Juliana, que sempre me apoiaram e incentivaram, não somente durante a execução deste trabalho, como ao longo de toda a minha vida acadêmica. Agradeço também às Professoras Luana Zanotto e Valléria Oliveira por terem aceitado participar da minha banca e, em especial, à Professora Aline Nicolino que me orientou durante toda a pesquisa com muita paciência e dedicação, tornando possível a realização deste trabalho. Por fim, agradeço a todos os professores que tive ao longo da minha formação e a todos que se dedicam a essa linda profissão de educar.

O brincar é a mais alta forma de pesquisa.

(Albert Einstein)

RESUMO

A presente pesquisa aborda as experiências corporais vivenciadas na Educação Física, pelo conteúdo de Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil, a partir da perspectiva de gênero, com o objetivo de conhecer o que vem sendo produzido sobre o tema. Para isso, foi realizado o levantamento da produção científica da área, recorrendo às revistas: Pensar a Prática, Motrivivência, Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista de Educação Física UEM e Licere, selecionadas segundo critérios do quadriênio CAPES (2013-2016), em virtude da classificação A2, B1 e B2 e por se tratar de revistas que trazem questões da cultura corporal, a partir de abordagens pedagógicas, filosóficas e socioculturais. Após lançar o descritor “jogos e brincadeiras” e/ou “gênero”, para realizar as buscas nesses periódicos, o resultado encontrado foi de 438 artigos publicados sobre o tema. Contudo, desse total, somente 4 artigos foram selecionados para serem analisados, ao considerar o critério de que a discussão de gênero perpassa o conteúdo jogos e brincadeiras vivenciados na Educação Física na Educação Infantil. Como resultado, identificou-se, uma escassa produção existente sobre o tema nos periódicos mapeados da área, contudo, a falta dessa discussão não significa que o brincar e os jogos propostos nessa fase não estejam contemplados em outros periódicos da área, com qualis menor, ou em outras áreas de conhecimento, como a Educação e a Psicologia. Os trabalhos analisados indicam uma preocupação com a (re)produção de estereótipos heteronormativos presentes nos momentos em que as crianças vivenciam as brincadeiras e que a falta de uma ação pedagógica atenta e crítica sobre essas linguagens, para reelaborá-las, pode reforçar o binarismo de gênero. Os artigos apontam, ainda, que a criança não possui uma ideia pré-estabelecida de papéis generificados para realizar suas atividades, brincar e fazer amizades e que esse fenômeno ocorre a partir da visão do adulto e do estímulo dado por ele.

Palavras-chave: Educação Física; Gênero; Jogos e Brincadeiras; Educação Infantil.

ABSTRACT

This research focuses on the body experiences lived in Physical Education classes, through the Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil subject content from the gender perspective, with the aim to know what has been published regarding this topic. Therefore, a survey was conducted on the scientific production in this area, resorting to the journals: Pensar a Prática, Motrivivência, Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista de Educação Física UEM and Licere, selected according to the CAPES quadrennium (2013-2016). These journals were selected due to their A2, B1 and B2 classifications, as well as for being publications that bring about questions regarding body culture from pedagogical, philosophical and sociocultural approaches. After employing the descriptor “games and kid’s plays” or “gender” to research in these journals, 438 papers on this topic were found.

However, from this total, only 4 papers were selected to be analyzed, considering the criteria that the gender discussion spans through the games and plays in the Physical Education lessons content in preschool. As a result, it was concluded that, beyond the scarce research production regarding this topic in the journals dedicated to this field, there is a huge re(production) of heteronormative stereotypes in the Physical Education classes. That is to say that the fact of having little publicization regarding this topic doesn’t make it less real and, moreover, that, many times, the lack of thoughtful and critical pedagogical actions regarding gendered languages reinforces supposed embodied ‘roles’ in the games and plays for boys and girls. The papers also indicate that the child doesn’t have any pre-established idea concerning gendered roles to go about his/her activities, such as playing or making friends, and that this phenomenon takes place from the adult’s perspective and his/her stimulus.

Key-Words: Physical Education; Gender; Games and Plays; Preschool Education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DESCRITORES TESTADOS NAS BUSCAS, COM E SEM ASPAS, USADOS DE FORMA COMPOSTA OU ISOLADA.	19
QUADRO 2 – LEVANTAMENTO DOS ARTIGOS ENCONTRADOS SOBRE O TEMA NAS REVISTAS	19
QUADRO 3 – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS	20
QUADRO 4 – ARTIGOS SELECIONADOS	20
QUADRO 5 – INFORMAÇÕES REFERENTES AO OBJETO DE ESTUDO, O CONTEXTO/LOCAL INVESTIGADO, PRINCIPAIS FONTES TEÓRICAS UTILIZADAS E METODOLOGIA	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 METODOLOGIA	18
2. JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CENRO DO DEBATE	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
4. REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa investigar as questões de gênero elucidadas no conteúdo jogos e brincadeiras, ministrado durante o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil, a partir das análises publicizadas por pesquisadoras/es em periódicos da área, com Qualis A2 a B2. O interesse em estudar este conteúdo da Educação Física, a partir de uma perspectiva analítica dos estudos de gênero, se deu em virtude de discussões realizadas na disciplina ‘Metodologia de Ensino e Pesquisa em Jogos e Brincadeiras’, dentro de o processo de formação docente (Universidade), em que identifiquei por meio de conversas com outra/os estudantes, o quanto os jogos e as brincadeiras estão marcados por vivências generificadas¹ e o quanto esses sentidos, que vão sendo marcados nos corpos escolares, interferem no desenvolvimento das crianças, para além dos muros da escola.

Um exemplo, mencionado há época, foram as brincadeiras, em que recordamos nas aulas o quanto a menina é estimulada a brincar de boneca, a cuidar da casa e se comportar, enquanto o menino é estimulado a brincar de carrinho, jogar bola e sair de casa para trabalhar. As discussões produzidas na disciplina, trouxeram lembranças de momentos familiares e escolares, incentivados mesmo que de forma inconsciente, para que a menina se torne uma futura dona de casa, sinta-se responsável pelos cuidados das pessoas e dos afazeres domésticos, e o menino se torne um futuro provedor do lar, sinta-se preparado e seguro para estar no espaço público. Percebi, então, que essas brincadeiras ensinam sobre funções e lugares sociais, buscando reproduzir um determinado modelo de sociedade que se espera e não necessariamente o existente.

Ao conhecer as especificidades que constituem os jogos, suas nomeações e o que eles tratam, nas lentes teóricas de Tizuko Kishimoto (1994), percebi que há diversas compreensões sobre o tema, em que:

Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, de crianças, de animais ou de amarelinha, de xadrez, de adivinhas, de contar histórias, de brincar de "mamãe e filhinha", de dominó, de quebra-cabeça, de construir barquinho e uma infinidade de outros. Tais jogos, embora recebam a mesma denominação, têm suas especificidades. Por exemplo, no faz-de-conta, há forte presença da situação imaginária, no jogo de xadrez, as regras externas padronizadas permitem a movimentação das peças. Já a construção de um barquinho exige não só a representação mental do objeto a ser construído, mas também a habilidade manual para operacionalizá-lo. (KISHIMOTO, 1994, p.105).

¹ Entende-se por generificação a interpretação, sociocultural de cada tempo histórico e contexto, em que se dá/nomeia determinados comportamentos, sentidos, significados, objetos, como pertencentes a um suposto ‘feminino’ ou ‘masculino’ (VIVIANE PEREIRA; FABIANO DEVIDE, 2008).

Essas diferenças são apresentadas como marcas socioculturais, que segundo Gilles Brougère (1998), dizem o que pode ser qualificado como jogo e o que não pode ser. Ou seja, sua representação traz consigo uma concepção de mundo, de sociedade e de sujeito. Para contextualizar essa ideia, de que o jogo se constitui nas/pelas relações sociais de um tempo, o autor mostra que somente após o movimento artístico do romantismo (século XIX), o brincar deixa de ser considerado fútil e oposto ao trabalho (algo sério) e ganha seu reconhecimento.

Em suas palavras, o jogo

[...] longe de ser a expressão livre de uma subjetividade, é o produto de múltiplas interações sociais, e isso desde a sua emergência na criança. É necessária a existência do social, de significações a partilhar, de possibilidades de interpretação, portanto, de cultura, para haver jogo. Isso supõe encontrar uma definição mais restritiva que o habitual para a palavra jogo, e separá-lo, como fazem cada vez mais os pesquisadores, da exploração – comportamento (comportamento de exploração) encontrado no animal e no homem, e que pode ser anterior à emergência de uma interação social. Para nós, acompanhando nesse ponto Bateson, o jogo supõe um acordo a respeito do estatuto da comunicação, não sendo impossível que certas espécies animais sejam capazes desse comportamento social elementar. Mas acima de seu substrato natural, biológico, o jogo, como qualquer atividade humana, só se desenvolve e tem sentido no contexto das interações simbólicas, da cultura. (BROUGÈRE, 1998, s/p).

Kishimoto (1994) mostra o quanto a brincadeira, se refere ao lúdico em exercício, ou seja, é quando a criança exerce o ato de imergir no lúdico efetivando as regras do jogo. O brinquedo, por sua vez, “[...] não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil.” (KISHIMOTO, 1994, p.111). De acordo com a autora, a partir de perspectivas pedagógicas e psicológicas que legitimam a função do jogo, da brincadeira e do brinquedo como contribuintes no desenvolvimento e na estruturação do conhecimento infantil, a concepção de infância é ampliada e aprofundada.

Kishimoto e Andréia Ono (2008, p.210) afirmam que as brincadeiras e os brinquedos são necessárias dimensões para a formação do gênero, e que no “[...] processo dicotômico de construção de papéis masculinos e femininos surgem preconceitos que se refletem no uso dos brinquedos”. Embasadas por Brougère (1995), Falkstrom (2001) e Azevedo (2003), as autoras apontam que “[...] os estereótipos de gênero nos brinquedos relacionam-se ao fato de o universo feminino restringir-se, em grande parte, à casa, à família; o masculino, aos “carrinhos”, à “lutinha” (rough-and-tumble), mistura de tumulto e briga, ao mundo externo e do trabalho.”

(*idem*). Valendo-se dos estudos de Michel de Certeau (1994) sobre “A invenção do cotidiano: artes do fazer”, Marcos Vinicius Klippel (2013, p. 101) traz que “ao jogar as crianças usam a cultura e o que produzem é uma releitura da cultura no/pelo jogo, portanto, uma produção cultural”.

É sobre essa lógica do (re)fazer diário, que o processo de generificar os sentidos e os significados atribuídos ao brincar e ao brinquedo, na sociedade de modo geral, vêm levantando diversas discussões no campo acadêmico, sobretudo, a partir das teorias feministas, de gênero, cultural e *queer*, que questionam a naturalização de um suposto mundo dicotomizado entre ‘feminino’ e ‘masculino’. Essa (re)construção, repetida cotidianamente de diferentes formas e meios, vale-se do sexo biológico, do sistema reprodutivo e fisiológico, para produzir uma suposta essência de ‘feminilidade’ e de ‘masculinidade’. O fato de não ser natural, exige-nos, de toda a sociedade, um disciplinamento e vigilância constante para que essas diferenças entre meninas e meninos sejam (re)conhecidas nas cores, nos objetos, nas vestimentas, nos comportamentos, nas atitudes, assim como na construção de valores, normas e regras sociais para cada sexo (GUACIRA LOURO, 1997). Observa-se, assim, que desde a infância é reforçado a divisão entre os sexos, em que tudo é dividido entre um suposto universo “feminino” e “masculino”, e essas delimitações não terminam na juventude, permanecem na fase adulta e na velhice.

Avalio, a partir da minha experiência e de leituras, que apesar do grande avanço nessa questão, das reivindicações e lutas das mulheres por espaço no mercado de trabalho e por igualdade de direitos, a presença de uma hierarquia de gênero controlando as funções mercadológicas ainda é muito forte. Um exemplo disso, refere-se as diferenças salariais entre homens e mulheres, as condições de trabalho e a própria desvalorização do trabalho e das atividades doméstica, como Magda Neves (2013) elucida em ‘Anotações sobre trabalho e gênero’.

Nesse sentido, compreendo gênero, nos termos de Louro (2005), em que

gênero expressa alguns dos símbolos culturalmente disponíveis em uma sociedade. Esses referentes simbólicos traduzem os comportamentos esperados e aceitos para homens e mulheres na esfera cultural e, quase sempre, são transmitidos como aspectos “naturais” do comportamento humano por diversas instituições, como igreja, mídia, escola e família, entre outras. (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016, p. 60).

Entendo-o, portanto, como uma categoria analítica (JOAN SCOTT, 1995), uma construção histórica, social e, portanto, política, que elucida a construção desigual do ‘feminino’ perante o ‘masculino’. Ao entender que gênero é produzido e expresso em diferentes

linguagens corporais, sendo o silêncio e a fala também compreendidos como manifestações da corporeidade, a presente pesquisa tem por objetivo conhecer e interpretar o que vem sendo produzido em periódicos da Educação Física sobre o tema gênero, no que se refere ao conteúdo de Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil.

Para isso, em um primeiro momento, foi preciso compreender, ainda que de forma breve, a entrada do termo gênero nos estudos feministas (MARLISE MATOS, 2008), com foco no feminismo civilizatório/branco, como intitulado por Françoise Vergés (2020), assim como sua compreensão como uma categoria de análise (SCOTT, 1995) e suas interpretações e alcances feitos no campo da Educação Física (AGRIPINO LUZ JUNIOR, 2001). Em seguida, foi identificado, a partir da leitura de fontes teóricas, a distinção entre os conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física (distinção essa que era quaseregra até o século passado/XX, mas que ao longo dos anos, vem deixando de existir) para estudantes do sexo feminino, como o vôlei, e para estudantes do sexo masculino, como o futebol, as quais foram justificadas pelas diferenças biológicas, como afirmam Vagner Prado, Helena Altmann e Arilda Ribeiro:

No Brasil, ao longo da história, práticas esportivas distintas foram direcionadas a homens e mulheres. As justificativas para tal segregação levavam em conta a composição biológica dos corpos, sendo que vários estudos de fisiologia ou anatomia tentaram justificar a “fragilidade” feminina e os riscos que as mulheres corriam no desenvolvimento de determinadas atividades (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016, p. 65).

Utilizando exemplos clássicos dos esportes, como o caso do futebol, é possível afirmar que tal modalidade seja reconhecida culturalmente pelo ‘masculino’, mas na prática é jogado por mulheres, homens, trans, crianças (por pessoas), ou seja, não sendo mais exclusividade de um determinado sexo, como há pouco se impunha como lei². Ainda, sobre preconceitos e discriminações produzidos pelo e no esporte, fundamentados em questões anatomofisiológicas, o vôlei é outro exemplo cultural, que durante anos foi divulgado e representado como uma modalidade pertencendo ao universo ‘feminino’, mas que na atualidade é praticado por homens, sem colocar uma suposta ‘masculinidade’ em risco (HELOISA REIS, 1998). Esses sentidos e significados generificados de muitos esportes, também é encontrado em algumas aulas de Educação Física, por meio de metodologias que separam as turmas entre meninos e meninas, sob o argumento de que as aulas mistas dificultam o trabalho pedagógico, como analisam Prado, Altmann e Ribeiro (2016).

² Em 1941, o decreto-lei 3.199, criado durante a Era Vargas e vigente até 1983, proibiu, dentre os esportes considerados masculinos, a prática do futebol feminino no Brasil. (LARISSA LOPES, 2019; ROBERTA NINA, 2018).

Após compreender o tema e sua relação com algumas atividades propostas em aulas, tornou-se possível adentrar nas discussões do conteúdo Jogos e Brincadeiras, pensando em seus processos de generificação, nos momentos de Educação Física na Educação Infantil. Para melhor entender essa discussão na infância, Deborah Sayão (2006, p. 5) aponta que as relações da criança com os adultos, com outras crianças ou mesmo com outros meios de interação, como a televisão ou a música, também “influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero”. Diante do exposto, este estudo propõe os seguintes objetivos:

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Conhecer o que o campo da Educação Física vem produzindo sobre o tema “gênero” a partir das experiências corporais vivenciadas pelo conteúdo Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil, por meio do levantamento da produção científica de periódicos da área (Pensar a Prática, Motrivivência, Movimento, RBCE, Revista de Educação Física UEM e Licere).

1.2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer a discussão de gênero publicizadas em periódicos da área, a partir do conteúdo Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil, pelas lentes dos estudos feministas e suas compreensões;
- Identificar e mapear os temas, as pessoas e os espaços mais estudados nessas produções, assim como os limites e as possibilidades apresentadas como propostas de ação pedagógica, no que se refere à Educação Infantil.

1.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo analítico e de abordagem quantitativa e qualitativa, por ter realizado uma análise da produção científica em periódicos da área, no sentido de identificar e mapear a quantidade do que se produziu a respeito do tema na Educação Física e conhecer quem, onde e o que vem se produzindo.

A busca e as análises foram realizadas em artigos retirados das revistas Pensar a Prática, Motrivivência, Movimento, RBCE, Revista de Educação Física UEM e Licere, a partir da busca pelas palavras-chave: “jogos e brincadeiras” or “gênero”, realizada no período de agosto a setembro de 2021. A escolha por esses periódicos da área da Educação Física se justifica por

se tratar de revistas que trazem questões da cultura corporal, a partir de abordagens pedagógicas, filosóficas e socioculturais, além de serem respeitadas no meio acadêmico e bem avaliadas no qualis CAPES (A2 a B2, no quadriênio de 2013-2016). No recorte histórico de busca eleita nos periódicos, foram considerados no levantamento todas as edições desde a existência *on-line* das revistas. As palavras-chave mencionadas foram utilizadas após testes com outros descritores como:

Quadro 1 – Descritores testados nas buscas, com e sem aspas, usados de forma composta ou isolada

DESCRITORES TESTADOS	“jogos e brincadeiras” “gênero” “jogos e brincadeiras” and “gênero” jogos e brincadeiras gênero jogos e brincadeiras and gênero
-------------------------	--

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

A escolha deu-se pela avaliação de que mais artigos apareciam com as palavras-chave que foram usadas. É importante destacar que os artigos que foram encontrados usando os demais descritores também apareceram ao utilizar “jogos e brincadeiras” or “gênero” em quase todas as revistas. A exceção foi a RBCE, que apesar de ter aparecido como resultado de busca, os artigos não tratavam diretamente do tema em voga.

Quadro 2 – Levantamento dos artigos encontrados sobre o tema nas revistas

REVISTAS	TOTAL DE ARTIGOS ENCONTRADOS	ARTIGOS QUE RELACIONAVAM PARCIALMENTE O TEMA	ARTIGOS SELECIONADOS
Movimento	137	94	1
Pensar a Prática	111	30	2
Motrivivência	68	39	1
RBCE	4	0	0
Revista de Educação Física/UEM	43	12	0
Licere	75	14	0

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

O levantamento resultou em 438 artigos encontrados, em que desse total, somente 4 produções abordavam a dimensão do gênero no conteúdo de Jogos e Brincadeiras, desenvolvido durante o trabalho da Educação Física na Educação Infantil. É importante ressaltar que para

realizar a seleção de artigos científicos, foi feita a leitura do título, das palavras-chave e do resumo, em que se considerou as discussões de gênero dentro do conteúdo de Jogos e brincadeiras na Educação Infantil, retirando da amostra artigos que:

Quadro 3 – Critérios de seleção e análise dos artigos

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS	<ul style="list-style-type: none"> - Abordam gênero em Jogos e brincadeiras vivenciados na Educação Infantil; - Foram excluídos os artigos que trazem o termo gênero para distinguir os sexos feminino e masculino ou artigos que não trazem as discussões de gênero no sentido sociocultural.
CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS ARTIGOS	<ul style="list-style-type: none"> - Principais referenciais teóricos utilizados pela/os autora/es; - Em qual sujeito está o foco do artigo? (Crianças, Docentes); - Local/contexto do estudo (quadra, pátio); - Aspectos centrais do artigo (limites e proposições pedagógicas)

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

É possível que outros artigos, que não os selecionados para análise, em sua íntegra, abordassem o tema de alguma forma pela perspectiva socio-pedagógica, contudo, a ausência de qualquer informação que pudesse sinalizar tal discussão no título, no resumo e nas palavras-chave, foi o critério de seleção utilizado para compor a amostra desta análise. O procedimento adotado, fez-me verificar o quanto os resumos não trazem informações básicas, como objetivo, metodologia e principais resultados, e, ao mesmo tempo, o quanto pesquisas de mapeamento são cada vez mais comuns no campo acadêmico, reforçando a necessidade de trazermos as informações empíricas e conceituais mais significativas do estudo nesses tópicos.

O quadro que segue apresenta os quatro (4) artigos que foram selecionados, seguindo os critérios mencionados no Quadro 3, os quais abordavam a discussão de gênero nos momentos em que docentes de Educação Física realizavam atividades pedagógicas na Educação Infantil, sob o conteúdo de Jogos e Brincadeiras.

Quadro 4 – Artigos selecionados

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	REVISTA	AUTORA/ES	ANO
1	Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras.	Pensar a Prática UFG	Bruna S. Chaves; Karine Natalie B. Godoy; Ludmila Mourão; Ayra L. Oliveira.	(2021)
2	O Brincar na Educação Infantil: Aspectos de uma Educação do Corpo e de Gênero.	Pensar a Prática UFG	Helena Altmann; Rosana Mancini Vieira.	(2016)

3	Qual o gênero do brincar? Aprendendo a ser “menino”... Aprendendo a ser “menina”.	Motrivivência UFSC	Paula Viviane Chiés; Jane Patrícia Feijó; Liana Gois Leite.	(2016)
4	Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados.	Movimento UFRGS	Jocimar Daolio; Alan Marques da Silva.	(2007)

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Outro ponto que vale ser destacado trata-se da possibilidade da pulverização da produção sobre o tema, a qual pode estar ocorrendo em formatos outros que não de artigos, ou publicadas em revistas com qualis CAPES menor no campo da saúde ou, ainda, em revistas da área da Educação, visto que o próprio interesse pela Educação Física na Educação Infantil, na criança, no jogo/brincadeira, são marginalizados (CARVALHO; ALVES; GOMES, 2005), em virtude de sua cultura lúdica, que vem sendo substituída por “programas pedagógicos precisos que se baseiam no domínio de objetivos pré-estabelecidos”. (MÍRIAM PALMA, 2017, p.205).

2. JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CENTRO DO DEBATE

Para que se possa compreender e discutir a construção do termo gênero é preciso conhecer sua origem e suas problemáticas, produzidas e (re)pensadas por meio da história do feminismo. Milena Jesus e Sandra Sacramento (2014) apontam que para isso, faz-se necessário estudar o processo histórico do feminismo, por uma perspectiva fora da linha temporal, trazendo as chamadas ondas feministas.

A primeira onda do feminismo, marcada pela presença de Olympe de Gouges, Jeanne Deroin, Hubertine Auclert e Madeleine Pelletier, se deteve nas reivindicações dos direitos e garantias fundamentais e da autonomia econômica da mulher. A ideologia do movimento, na etapa citada, é compreensiva a partir do entendimento de que a história da fase inicial do movimento se associa aos ideais da Revolução Francesa. (JESUS; SACRAMENTO, 2014, p. 189).

Marlise Matos (2008) elucida que o conceito de gênero, em teoria, seria um divisor de águas entre a primeira e a segunda onda do feminismo que, por sua vez,

[...] é composta por Julia Kristeva, Hélène Cixous e Lucy Irigaray, as quais percebem a linguagem como elemento de formação dos estereótipos sobre o sujeito feminino. Os estereótipos, por sua vez, são legitimados pelas diferenças sexuais, tomando como referência o masculino. (JESUS E SACRAMENTO, 2014, p. 189).

Segundo Scott (1995), o uso do termo gênero passou a ser utilizado pelas feministas, de forma mais profunda, como um meio de abordar a organização social no que tange a relação essencializada entre os sexos. De acordo com a autora, o termo era utilizado para atestar uma negação do determinismo biológico presente “no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1995, p.72), que naturalizava o que era socialmente construído e tornava as diferenças biológicas entre as pessoas, em desigualdades sociais, submetendo as mulheres a formas de opressão e violências praticadas em nome de uma suposta ‘superioridade masculina’ inventada por homens. A produção do termo gênero parte, então, de diferentes vertentes epistemológicas feministas, que denunciam as relações de poder exercida historicamente pelos homens, constituindo e conformando sentidos e significados na organização e na percepção do conhecimento. É preciso valer-se de gênero, como descreve a historiadora, como uma categoria de análise, no sentido de identificar, nomear, questionar e desnaturalizar “todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.” (*idem*, p.76).

Gênero seria, então, “o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados.” (JUDITH BUTLER, 2014, p. 253). De acordo com Louro (1995), para que seja possível compreender gênero de forma mais abrangente é necessário que pensemos para além da construção dos indivíduos como homens ou mulheres através de experiências sociais tidas como femininas ou masculinas, mas que entendamos que gênero

[...] é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são ‘genericadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

Tendo em vista que a escola é uma das instituições sociais na qual o gênero seria uma categoria imersa, como foi afirmado pela autora, pode-se concluir que a Educação Física, como uma disciplina escolar, não está inerte à generificação. Um exemplo dessa afirmação são as divisões por sexo utilizadas nas práticas esportivas (SILVANA GOELLNER, 2005; 2007; DEVIDE, 2005) e nos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física na escola, como mostram os trabalhos de Helena Altmann e Eustáquia Sousa (1999) e Altmann (2015). Em seu artigo, Altmann e Sousa (1999) apontam que por certo tempo aos homens e às mulheres eram negadas as práticas de determinados esportes (como já mencionado na introdução da presente pesquisa), e que embora essas limitações tenham sido postas de lado ao longo dos anos,

[...] não se pode considerar que, pelo fato de homens e mulheres praticarem os mesmos esportes, estes tenham deixado de ser genericados. Basta uma análise mais cuidadosa do noticiário divulgado para verificarmos que eles continuam, de maneira geral, estreitamente ligados à imagem masculina: destacam-se a beleza das atletas, suas qualidades femininas, sempre frisando que são atletas, mas continuam mulheres. (ALTMANN; SOUSA, 1999, p.58).

Apresentar esse breve contexto sobre a construção de um conceito, a partir das lentes feministas, é significativo para adentrar no tema proposto por esta pesquisa, que busca compreender como as discussões de gênero no conteúdo Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil estão sendo apresentadas pela produção acadêmica, em periódicos da área (Quadro 4). Compreender alguns fundamentos que constituem sua formulação, objetiva identificar e mapear alguns discursos que marcam suas discussões, quem são as pessoas mais acionadas nessas análises e os espaços mais estudados, assim como os limites e as proposições pedagógicas propostas nessas produções. Isto é, para além do levantamento, busca-se conhecer as formas de

ver e lidar com as questões generificadas no trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil, no conteúdo jogos e brincadeiras, sob as lentes de pesquisadora/es.

Nesse sentido, a leitura e a interpretação dos quatro artigos selecionados trouxeram as informações que seguem no quadro:

Quadro 5 – Informações referentes ao objeto de estudo, o contexto/local investigado, principais fontes teóricas utilizadas e metodologia.

Art.	Objeto de Estudo	Contexto/Local	Fontes teóricas	Metodologia
1	15 crianças (3 a 4 anos).	Creche Comunitária (Zona Oeste/Juiz de Fora). As observações foram feitas a partir do cotidiano das crianças na creche (tanto nas brincadeiras dirigidas, quanto nas livres) em três dias da semana, durante quatro meses.	Gilles Brougère, Judith Butler, Manuel J. Sarmiento.	Estudo de abordagem qualitativa, valendo-se da observação participante.
2	19 artigos publicados entre 1996 e 2014.	Os artigos foram retirados dos periódicos Cadernos de Pesquisa, Educação em Revista, Educação e Pesquisa, Educação e Sociedade, Educação e Realidade, Educar em Revista, Pro-Posições, Revista Brasileira de Educação.	Carmen L. Soares, Daniela Finco, Tizuko M. Kishimoto.	Estudo de abordagem qualitativa, valendo-se da pesquisa bibliográfica, em 8 periódicos nacionais.
3	15 crianças (7 meninas e 8 meninos) com idades de 3 a 4 anos.	Centro de Educação Infantil em Brasília. As observações foram feitas nos momentos de brincadeiras livres (sem atividade direcionada).	Deborah T. Sayão, Helena Altmann, Joan W. Scott.	Estudo de abordagem qualitativa, valendo-se de cinco sessões de observação sistemática e uma entrevista semiestruturada com a professora responsável.
4	Crianças com idades entre 6 e 7 anos.	Escola Municipal de Educação Infantil na cidade de Campinas/SP. As observações foram feitas nos momentos de brincadeira no parque.	Clifford Geertz, Guacira L. Louro, Joan W. Scott, Dora Maria de A. S. Tedrus.	Estudo de abordagem qualitativa, valendo-se da pesquisa etnográfica.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

A sistematização das informações elencadas no Quadro 5, buscam explicitar as pessoas (estudantes, docentes, familiares, comunidade escolar) e o que foi utilizado como objeto de análise, no caso Art. 2, o mapeamento da produção acadêmica da área, assim como o local investigado, os referenciais teóricos e a metodologia mais utilizada por pesquisadoras/es, que se dispuseram a realizar pesquisas na educação física infantil, por meio do conteúdo jogos e brincadeiras. Identificar o que e como buscam compreender a perspectiva de gênero nas intervenções pedagógicas da Educação Física é uma possibilidade de se chegar a demandas e em necessidades apresentadas, em cada contexto e momento histórico, como urgentes para serem estudadas, por constituírem uma linguagem visível, muitas vezes, gritantes.

As crianças são apresentadas, na maior parte das produções, por meio de manifestações corporais e verbalizações ‘corporeificadas’ por estímulos de adultos, que buscam adequá-las em supostos papéis de ‘feminilidades’ e ‘masculinidades’ esperados socialmente. Isto é, as crianças ao não se comportarem, segundo uma lógica heteronormativa³ esperada/estimulada, chamam a atenção, muitas vezes de forma negativa, trazendo questões para serem discutidas e/ou silenciadas por docentes durante as aulas (MARCO ALVES SILVA; ALINE NICOLINO, 2020). O conteúdo, jogos e brincadeiras, é apresentado como um elemento fundamental quando se refere a Educação Infantil, visto que o brincar “é concebido como uma forma com a qual a criança elabora aspectos cognitivos, desenvolve habilidades corporais e, a partir das interações, vivencia a socialização” (VIEIRA; ATMANN, 2016, p.144). Para além disso, o brincar representa uma forma de expressão da criança de como ela enxerga o mundo e a realidade que a cerca, sendo, portanto, o meio com que a mesma se conecta com a sociedade. Segundo Raquel Barbosa (2018),

[...] Valorizar o brincar é, antes de tudo, reconhecer a importância da fantasia, das interações entre os pares e da inventividade infantil para a construção dos saberes brincantes e da cultura lúdica que elas estabelecem entre si, com os adultos e com sua realidade (BARBOSA, 2018, p.12).

Ao comparar e analisar meninos e meninas nas instituições escolares, os artigos ressaltam a predominância de meninos explorando os espaços e na execução de brincadeiras mais agressivas e agitadas, enquanto a predominância de meninas se concentra em espaços onde sentem a proteção das professoras e com brincadeiras que remetem ao cuidado e estimulam mais o imaginário, como é explicitado no Artigo 1 por Godoy *et al.* (2021, p.10)

³ Entende-se, nos termos de Guacira Louro (1997, p. 134), que “Processa-se uma naturalização — tanto da família como da heterossexualidade — que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade. Esse padrão está presente explícita ou implicitamente nos manuais, nos discursos, nas políticas curriculares e nas práticas”.

De modo geral, foi possível notar que as brincadeiras mais comuns realizadas pelas meninas foram aquelas que retratavam o cotidiano familiar, como “mamãe e filhinha”, tanto enquanto ocupavam o espaço da sala quanto nos momentos em que estavam no parquinho. Já os meninos optavam por brincadeiras com carrinhos (ou outros brinquedos que simbolizassem o ato de dirigir) e aquelas consideradas mais ativas e agressivas, como correr, escorregar e como a “lutinha”.

Contudo, é importante ressaltar que embora haja uma predominância em tais comportamentos, os artigos trazem momentos em que as crianças quebram as expectativas dessas reproduções e ressignificam os brinquedos e as brincadeiras como apontam Vieira e Atmann, no Artigo 2, a partir dos artigos analisados por elas:

Exemplos como o caso do menino que, ao brincar de casinha, amamenta o filho (PRANGE; BRAGAGNOLO, 2012); a utilização espontânea de brinquedos considerados “certos e errados” para cada sexo (FINCO, 2003); a participação de meninos em brincadeiras consideradas femininas como cuidar da casa e cozinhar (FINCO, 2003) ilustram a ressignificação que as crianças fazem dos contextos dos quais fazem parte. Neste sentido, Prange e Bragagnolo destacam que “apesar de estarem imersas em seu contexto cultural e interiorizar algumas questões relacionadas a gênero, as crianças conferem seus próprios sentidos, caracterizando seus aspectos singulares.” (VIEIRA; ALTMANN, 2016, p.149-150).

Mariana Navarro (2009, p.2128), aponta que o brincar,

[...] assim como quase todas as nossas ações, é mediado, por um contexto. [...] No contexto das escolas de educação infantil essa questão deve ser bem observada ao pensar na qualidade das brincadeiras a serem vividas naquele ambiente. Deve-se levar em conta que tudo ao redor da criança é capaz de estimular e enriquecer as brincadeiras, ou o contrário. Pensar na mediação torna-se indispensável no momento de organizar e comprar brinquedos, arrumar a sala, brincar no parque, e também no momento em que a professora vai dirigir uma brincadeira com a turma.

No Artigo 1, as autoras fizeram suas observações a partir dos brinquedos que eram ofertados para as crianças e das interações das crianças com esses brinquedos, entre si e com as educadoras tanto nas brincadeiras direcionadas, quanto nas brincadeiras livres. A partir dessas observações, é exposto que embora a educadora da turma observada traga questionamentos acerca do binarismo de gênero e seus significados, diversas vezes acaba por reproduzi-los “[...] através da organização dos cantinhos e da distribuição de brinquedos, contribuindo para a construção de uma identidade pautada nas normas de gênero” (GODOY, *et al.*, 2021, p.17). Foi identificado, também, que nesse processo de formação há grande influência por parte da família, “[...] pois foram observados falas e gestos típicos do cotidiano familiar, os quais foram performatizados pelas crianças durante as brincadeiras” (*idem*, p.17). Somando-se essas

análises à ideia de que os brinquedos e as brincadeiras estão inseridos em um contexto cultural marcado pelo binarismo de gênero e “impregnados de valores simbólicos e códigos sociais normatizados” (*idem*, p.17), as autoras chegam à conclusão de que os papéis de ‘feminilidade e masculinidade’ representados pelas crianças, mesmo que ainda muito novas, estão próximos dos que são vivenciados pelos adultos que as cercam, e mais, que os brinquedos e as brincadeiras constituem um meio para reproduzir supostos papéis sociais.

A ideia de que as reproduções estereotipadas de gênero produzidas pelas crianças são, na verdade, consequência da vivência com o adulto e dos estímulos dados por eles também estão presentes no Artigo 3, quando as autoras trazem que, ao observarem que em determinados momentos a divisão entre os gêneros se romperam e meninas e meninos mantiveram uma interação descontraída, permanecendo ora separados, ora juntos. Com isso, Leite, Feijó e Chiés (2016) concluem que

[...] crianças nesta faixa etária ainda não assimilaram plenamente um comportamento estereotipado em relação aos gêneros, assim, os brinquedos previamente construídos, criados e delimitados, refletem muito mais a visão e intenção dos adultos em reforçar nas crianças a formação de papéis diferenciados, ou seja, a norma de que *meninos devem jogar futebol e meninas devem brincar de “casinha” e cuidar de bonecas*. (LEITE; FEIJÓ; CHIÉS, 2016, p.222).

Essa ideia também é expressa por Kishimoto e Ono (2008) que, embasadas nas ideias de Brougère (2004), apontam que

[...] os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representam o papel da mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas. (KISHIMOTO; ONO, 2008, p.210).

Outro ponto importante a ser destacado nesta análise é a diferença de comportamento das crianças em uma instituição, em que há a intervenção da professora com a intenção de desconstruir a ideia de gênero estereotipada/visão heteronormativa, e em uma instituição em que essa ideia é reforçada e estimulada. Um exemplo disso, pode ser identificado entre as observações realizadas por Leite, Feijó e Chiés (2016) a partir de uma turma que mantinha grupos mistos durante as brincadeiras no Artigo 3, e pelos autores Silva e Daolio (2007) a partir de uma turma fortemente segregada por gêneros no Artigo 4. No primeiro, as autoras trazem uma professora mais crítica com relação às questões de gênero, a qual expõe, durante a

entrevista realizada, as preocupações e os cuidados que um/a professor/a deve ter ao tratar das diferenças entre as/os alunas/os e ao propor atividades que unam os grupos de meninas e meninos, intervindo quando necessário na formação de grupos, trocando alguns/mas estudantes de lugar. Segundo as análises apresentadas neste artigo (3), as intervenções da professora

[...] estiveram centradas na otimização da interação social entre as crianças, não havendo quaisquer iniciativas para reforçar a segmentação por gênero no desenvolvimento das brincadeiras, ao contrário promoveu intencionalmente situações para que os grupos formados fossem mistos. (LEITE; FEIJÓ; CHIÉS, 2016, p.220).

Já as análises realizadas Silva e Daolio (2007), no artigo 4, os autores apresentam uma professora que, por diversas vezes, reforça a estereotipia entre os gêneros, como pode ser identificado em uma observação de diário de campo, em que trazem o futebol como o principal jogo do parque.

[...] um menino se dirigiu à professora e avisou que dois meninos estavam brigando. A professora mandou chamar os dois e perguntou o que havia acontecido. O menino, que estava quase chorando, disse que o outro “bateu” nele. O “agressor”, por sua vez, interrompeu a fala do “agredido” e disse com muita convicção que não bateu nele, não deu soco, apenas uma rasteira, um carrinho do futebol. A professora procurou então acalmar o ‘agredido’ e mais uma vez colocar isso como uma característica do jogo. (*idem*, p. 24).

Na continuação das observações, os autores trazem que havia algumas tentativas de participar do jogo por parte das meninas, mas

Num determinado momento, uma menina entrou no jogo, mas saiu poucos minutos depois. Logo em seguida, uma outra menina entrou no jogo, porém, nas poucas vezes em que teve a oportunidade de tocar a bola, foi muito cobrada pelos meninos que estavam jogando, muitas vezes até com palavras ofensivas. Assim, sua permanência naquele jogo teve vida curta. O que se demonstrava dava a impressão de ser uma tentativa de tirar de qualquer forma aquela “intrusa” do jogo. (SILVA; DAOLIO, 2007, p. 24).

Algumas observações feitas acerca dos jogos: predominantemente jogado pelos meninos e sem mistura entre as diferentes turmas da instituição; um grande uso da força física por parte dos meninos que faziam parte do jogo; as agressões que ocorriam dentro do jogo eram tratadas como algo normal pela professora, a qual não demonstrava importância quando algum aluno se queixava de alguma agressão sofrida durante as partidas e apenas respondia que fazia parte do jogo, reforçando a ideia de que a violência fazia parte daquela modalidade esportiva e que tudo bem homens se machucarem; quando meninas tentavam jogar, logo desistiam devido à agressividade por parte dos meninos e à cobrança que recebiam, também por parte dos

meninos, quando conseguiam encostar na bola. Altmann e Sousa (1999), citando Badinter (1993, p. 94), trazem que

[...] os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência são considerados como a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha “status de macho”, mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros. “Em suma, mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um homem de verdade.” (ALTMANN; SOUSA, 1999, p.58-59).

Após essa citação de Badinter (1993), as autoras chegam à conclusão de que essa visão desses esportes (incluindo o futebol que é o esporte compreendido nas análises citadas do Artigo 4), continua distanciando as mulheres de sua prática, sobretudo, pelo estímulo dos adultos.

Outro elemento mencionado no artigo 4 é a brincadeira de casinha, local considerado quase exclusivo das meninas, as quais não permitiam a participação dos meninos e constantemente reclamavam com a professora que eles estavam atrapalhando:

Certa vez, um menino tentou pegar o carrinho de supermercado da casinha e foi denunciado por uma menina que disse à professora: “Tia, ele está levando as coisas pra lá”. A professora logo repreendeu o menino (“P., deixa as coisas aí e vai brincar com os meninos”) que, dessa forma, despejou os acessórios no chão, ainda ficando ali por perto. Depois foi brincar com os meninos de uma outra turma e voltou mais tarde a brincar de casinha, mas agora sozinho. (SILVA; DAOLIO, 2007, p.27).

No trecho citado pode-se notar a repreensão feita pela professora desestimulando o menino de brincar com as meninas. A queixa por parte das meninas não é, necessariamente, uma questão de gênero, visto que podem ter reclamado por estarem brincando com o carrinho. Contudo, a ordem dada pela professora para que o menino fosse brincar com os outros meninos ao invés de, por exemplo, tentar intervir através de um diálogo possibilitando que ele brincasse na casinha com as meninas (já que o fato de o mesmo ter retornado um tempo depois para brincar de casinha indica que essa seria uma vontade dele), cria um obstáculo para uma possível formação de grupos mistos nas brincadeiras, sugerindo que há espaços e brincadeiras próprios para meninas e para meninos. Outro ponto importante mencionado pelos autores foi:

O que verificamos foram os mecanismos criados por ambos os grupos para se admitir ou não a presença do “outro”, do “diferente”, na brincadeira. Isso esteve presente tanto numa nova configuração da brincadeira quanto em um conjunto de códigos e regras diferentes que demonstrava a quem pertencia determinada atividade. Assim, o que fazia com que as meninas desistissem do futebol e os meninos desistissem da casinha? Eram os mecanismos criados pelos próprios grupos para dificultar o acesso à brincadeira. Brincadeira essa que pertencia a uma esfera de significados característicos de um determinado

grupo. E o acesso a essa esfera de significados passava por determinados procedimentos criados pelo próprio grupo. (*idem*, p.30-31).

Com isso, um importante questionamento que deve ser feito é: com um projeto pedagógico pensado e elaborado para tratar das questões de gênero e para unir as crianças como um grupo tolerante às diferenças, não seria possível romper com os mecanismos citados pelos autores? Considerar as relações de gênero em práticas pedagógicas, segundo Louro (1997), significaria

[...] subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula: inventando formas novas de dividir os grupos para os jogos ou para os trabalhos; promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas e filmes consumidos pelas/os estudantes; produzindo novos textos, não-sexistas e não-racistas; investigando os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da História oficial, nos textos literários, nos "modelos" familiares; acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnia, etc. (LOURO, 1997, p.124).

Após a análise dos quatro artigos, foi possível perceber que todos eles apontam, embora usando termos e palavras diferentes, a ideia de que os jogos e as brincadeiras são marcados pelo binarismo de gênero por estarem dentro de um contexto sociocultural que utiliza esses elementos com o objetivo de cumprir com as expectativas criadas sobre o que significa ser menina ou menino (VIEIRA; ALTMANN, 2016). Embora as/os autoras/es tragam essa visão como um limite, o fato de os jogos, os brinquedos e as brincadeiras serem considerados uma ponte entre o mundo adulto e o universo infantil, os tornam uma possibilidade de mudança.

A partir do exposto, podemos afirmar que os brinquedos e as brincadeiras, enquanto artefatos culturais e representações sociais, permitem que as crianças assimilem os códigos presentes em nossa sociedade e cultura. Podemos considerá-los – os brinquedos e brincadeiras – importantes instrumentos de construção das concepções de mundo para as crianças, incluindo as concepções de gênero, que são por elas representadas nesses momentos lúdicos. (GODOY *et al.*, 2021, p.16).

Um ponto que deve ser levado em conta, trazido pelo Artigo 3, é que embora muitos brinquedos, jogos e brincadeiras reproduzam a estereótipos heteronormativos e dividam a turma em supostos grupos ‘homogêneos’, outros buscam desnaturalizar essa segregação entre meninos e meninas e estimulam grupos mistos:

No caso da categoria voltada ao “tipo de brinquedo”, pela faixa etária das crianças analisadas, o contexto imaginativo (inventar histórias, etc.) permitiu o desenvolvimento de brincadeiras sem necessariamente uma discriminação por gênero. Da mesma forma ocorreu com brinquedos de montar ou criar um desenho. Em casos que as crianças optaram por brinquedos convencionados (estruturados), culturalmente definidos, como jogos de bola (futebol), bonecos

de super-heróis, boneca, e brincar de casinha, observou-se uma subdivisão nítida entre meninos e meninas dentro dos padrões culturais. (LEITE; FEIJÓ; CHIÉS, 2016, p.221).

Através desse ponto é possível questionar o motivo de determinados brinquedos, jogos e brincadeiras serem considerados pertencentes apenas ao universo ‘feminino’ ou ‘masculino’, enquanto outros podem ser considerados ‘neutros’, sendo considerados adequados para todos os gêneros. Para além do motivo que leve a essas considerações, pode-se ainda questionar como é possível desconstruir o binarismo de gênero presente nos jogos e brincadeiras ditos convencionados.

Outro fato que pode ser evidenciado a partir de nossa análise trata-se da frequente abordagem de argumentos voltados para as relações de gênero, direta ou indiretamente. Percebe-se, portanto, um movimento que tenta trazer à tona e compreender esta temática como ferramenta para a desconstrução de imposições e oposições construídas historicamente. Mesmo que em alguns momentos a produção demonstre alguns paradigmas ainda presentes na prática cotidiana, a mesma busca também propor rupturas. Na medida em que apresenta novas perspectivas e alerta para os atuais desafios que a educação deve enfrentar, defende também que a criança e suas singularidades precisam ser tomadas como ponto de partida do trabalho pedagógico. (VIEIRA; ALTMANN, 2016, p.151).

Outro limite que vem sendo apontado por Silva e Daolio (2007, p.29), no Artigo 4, consiste no fato de que as próprias crianças acabam por testar constantemente, por meio de mecanismos desenvolvidos pelos próprios grupos, umas as outras na identificação se pertencem ao lado das meninas ou dos meninos no “jogo do gênero”. É interessante pensar que nos Artigos 1 e 3, baseados em observações de crianças na mesma faixa etária de 3 e 4 anos de idade, as autoras concluem, como mencionado anteriormente na presente pesquisa, que as crianças não possuem preconceções de gênero. Já o Artigo 4, apresenta observações de uma turma de crianças entre 6 e 7 anos de idades, que já trazem alguns estereótipos de gênero, como a testagem de pertencimento a uma suposta ‘feminilidade’ e ‘masculinidade’.

Com base nas informações apresentadas nos artigos, é possível identificar que a divisão das crianças entre grupos de meninas e meninos, assim como a generificação das brincadeiras propostas em aulas e suas vivências em outros momentos extracurriculares, correspondem a estímulos dentro e fora do contexto escolar, por meio da intervenção de adultos, que muitas vezes reproduzem o que aprenderam, sem (re)elaborar os sentidos e os significados dessas ações na construção dos lugares e das representações das crianças na nossa sociedade. No caso da escola, é preciso que essas discussões, por meio de teorias e análises, perpassem o processo de formação pedagógica, estejam contempladas nos documentos que regem o Ensino Básico e

Superior, refletindo nos planejamentos e ações do coletivo, expresso no projeto pedagógico e curso, nas relações interpessoais. Isto é, nos sentidos e significados vivenciados cotidianamente pela corporeificação do heteropatriarcado, do sexismo e do racismo como estruturas que sustentam o modo de produção capitalista (VERGÉS, 2020).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o mapeamento da produção científica, identificou-se que apesar da existência de muitas discussões e estudos envolvendo as questões de gênero e de Jogos e Brincadeiras nos periódicos da área, ainda há uma pequena produção acadêmica no campo da Educação Física abordando de forma interseccionada a Educação Infantil, as questões de gênero e a Educação Física sob uma perspectiva sócio-histórica. A escassa produção acerca dessa temática nos periódicos de qualis (A2 a B2) da área se tornou um limite para este estudo, visto que as análises e reflexões foram pautadas em poucas pesquisas e sob poucas perspectivas. É importante destacar que a pouca produção científica do tema em voga no campo da Educação Física, e mais, nos periódicos selecionados, não pode ser utilizada para generalizar todos os campos de conhecimento. Ou seja, é possível que haja mais pesquisas e estudos sobre a temática em questão em outras áreas do saber, em diferentes periódicos com um qualis CAPES menor (em razão da própria marginalização do interesse pela Educação Física na Educação Infantil, na criança, no jogo/brincadeira), ou mesmo em formatos que não os artigos, assim como em periódicos de outras áreas de conhecimento, como a Educação e Psicologia.

Os trabalhos analisados indicam uma preocupação com a (re)produção de estereótipos heteronormativos presentes nos momentos em que as crianças vivenciam as brincadeiras e que por diversos momentos, as crianças acabam por ressignificar os brinquedos e as brincadeiras ao reproduzirem, por meio desses, os comportamentos observados e interiorizados a seu modo, de forma a conferir seus próprios significados a esses comportamentos. Os artigos apontam, nesse sentido, que a criança não possui uma ideia pré-estabelecida de papéis generificados para realizar suas atividades, brincar e fazer amizades e que esse fenômeno ocorre a partir da visão do adulto e do estímulo dado por ele. Apresentam, ainda, que a falta de uma ação pedagógica atenta e crítica sobre essas linguagens, para reelaborá-las, pode reforçar o binarismo de gênero.

O que significa dizer, que há uma necessidade de um trabalho pedagógico voltado para a ruptura de tais estigmas e, para isso, entendo que essas temáticas (gênero, sexualidades, diferenças) precisam estar contempladas no currículo de formação inicial e nas formações continuadas, que estejam presentes no material didático-pedagógico, nas diretrizes dos documentos vigentes das licenciaturas e sejam reconhecidos como conteúdos transversais e urgentes no processo de formação de estudantes e docentes.

Para a elaboração de um planejamento pedagógico mediado pelo conhecimento da cultura corporal, das desigualdades e da diferença a partir da infância, acredito que seria preciso, primeiro, pensar na formação docente e na importância de disciplinas obrigatórias no currículo

de formação inicial, que trabalhe as questões geracionais, de gênero, étnico-raciais, de sexualidade, com o objetivo de formar professoras e professores conhecedores de tais temáticas, conscientes e críticos. Essas discussões, sob o meu ponto de vista, não podem vir de forma isolada ou pontual, em um conteúdo de uma disciplina específica ou em uma referência, mas articulada ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC), aos fundamentos e aos princípios que constituem a cultura corporal.

No que se refere a essas discussões voltadas para a infância, proponho algumas reflexões, a partir do desenvolvimento deste estudo, em que considero fundamental um planejamento coletivo e sempre vivo, no sentido, de que as discussões permaneçam nas reuniões semanais e nas formações continuadas; faz-se necessário um olhar atento para os brinquedos disponibilizados e ofertados para as crianças, de modo que esses brinquedos não incentivem a separação das crianças no momento de brincar entre meninas e meninos; através do brincar, os(as) professores(as) produzam discussões e possibilidades de vivenciar, (re)elaborar e (trans)formar preconceitos e formas de discriminações; é importante que as atividades e brincadeiras propostas proporcionem momentos de reflexão para que as crianças enxerguem as diferenças existentes e aprendam a respeitar (um exemplo, seria articular a literatura com as possibilidades corporais de se ler o mundo). Enfim, é de suma importância que os(as) professores(as) sejam preparada(o)s em sua formação e que tenham em mente que as desigualdades produzidas pelo modo de produção capitalista, heteropatriarcal e racista são permanentes e, por isso, a resistência por meio da formação continuada e da ação pedagógica crítica e problematizadora são responsabilidades que assumimos ao nos tornarmos professoras e professoras.

4. REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena; MARIANO, Marina; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. Corpo e Movimento: Produzindo Diferenças de Gênero na Educação Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.15, n.2, p. 272-550, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v15i2.12375>. Acesso em: 30 out. 2021.

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, n.48, p.52-68, Agosto, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

ALVES E SILVA, Marco Aurélio; NICOLINO, Aline. Sobre lágrimas, corpos e silêncios pedagógicos: transitando entre educação física escolar, sexualidades e gênero. **Educación Física y Ciencia**, v.22, n.4, e.147, out./dez. 2020. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe147>. Acesso em: 30 out. 2021.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. **O hibridismo brincante: um estudo sobre as brincadeiras lúdico-agressivas na Educação Infantil**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Espírito Santo: UFES, 2018.

BROUGÈRE, Guilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, v.24, n.2, jul. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/nprNrVWQ67Cw67MZpNShfVJ/?lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2021.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. Campinas/SP: **Cadernos Pagu**, n 42, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 30 out. 2021.

CARVALHO, Alysso Massote; ALVES, Maria Michelle Fernandes; GOMES, Priscila de Lara Domingues. Brincar e educação: concepções e possibilidades. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 217-226, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/kFpV5sBMYhTLMw39wXfyJ6M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2021.

DEVIDE, Fabiano P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GODOY, Karine Natalie Barra. *et al.* Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. **Pensar a Prática**, v.24, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/64935/36950>. Acesso em: 30 out. 2021.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v 8, n 1, 85–100, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/106>. Acesso em: 30 out. 2021.

GOELLNER, Silvana V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 173-196, abr. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554>. Acesso em: 30 out. 2021.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café com Sociologia**, v.3, n.3. p.188-206, set./dez. 2014. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/download/355/pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**, v.12, n.22, p.105-128, jan. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745>. Acesso em: 31 out. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-posições**, v.19, n.3, p.209-223, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/XN7yv7jS8vTq99xLhRC7vtJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

KLIPPEL, Marcos Vinicius. **O jogo na educação física da educação infantil: usos e apropriações em um CMEI de Vitória-ES**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, 2013.

LEITE, Liana Gois; FEIJÓ, Jane Patrícia; CHIÉS, Paula Viviane. Qual o gênero do brincar? Aprendendo a ser “menino”... Aprendendo a ser “menina”. **Motrivivência**, v.28, n.47, p. 210-225, maio/2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p210>. Acesso em: 30 out. 2021.

LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. **Jornal da USP**, junho de 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2021.

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Revista Educação & Realidade**. Porto alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves. **Gênero e Educação Física**: o que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?. Mestrado em Educação Física. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 122 folhas, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79868/177473.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 out. 2021.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformam em um campo novo para as ciências. Florianópolis, **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.2, p.333-357, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6Y8dcfxYKPXWmyyZmhF5yph/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. O brincar na educação infantil. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Curitiba: CHAMPAGNAT, 2009, p.2123-2137.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de pesquisa**, v.43, n.149, p.404-421, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000200003>. Acesso em: 23 ago. 2021.

NINA, Roberta. Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura... **Dibradoras**, outubro de 2018. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/24/para-mulheres-jogar-futebol-ja-foi-caso-de-policia-durante-a-ditadura/?cnpid=copiaecola>. Acesso em: 30 out. 2021.

PALMA, Míriam Stock. Representações das crianças sobre o brincar na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, v. 30, n. 2, p. 203-221, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/374/37453714010/html/index.html>. Acesso em: 02 nov. 2021.

PRADO, Vagner Matias do; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Condutas Naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero? **Currículos sem Fronteiras**, v.16, n.1, p.59-77, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Campinas: Unicamp, 1998.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.5, p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/43>. Acesso em: 30 out. 2021.

SILVA, Alan Marques da; DAOLIO, Jocimar. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. **Movimento**, v.13, n.1, p. 13-37, jan./abril de 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2922>. Acesso em: 30 out. 2021. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 30 out. 2021.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIEIRA, Rosana Mancini; ALTMANN, Helena. O Brincar na Educação Infantil: Aspectos de uma Educação do Corpo e de Gênero. **Pensar a Prática**, v. v. 19, n. 1, p. 143-155, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v19i1.39027>. Acesso em: 30 out. 2021.